

JK CONSTRUIU NO PLANALTO A CIDADE QUE ESTAVA NO MAPA

Abdias Rodrigues

Com a construção de Brasília, o Brasil caboclo, escondido nas brenhas de Mato Grosso ou do Amazonas, que, quatro anos atrás acreditava ainda que éramos governados pelo Imperador D. Pedro II, ficou sabendo que somos uma República e que existe um presidente. Um presidente de nome arrevezado e meio difícil de pronunciar; Juscelino Kubitschek. Por isso, resume-o simplesmente no apelido de batismo, deixando o nome de família para depois, quando souber ler e escrever. Por enquanto, é apenas o Juscelino. Nenhum presidente da República estabeleceu jamais contatos tão diretos e freqüentes com as populações humildes e distanciadas do centro como esse mineiro de Diamantina, cuja voz de seresteiro fez em profundidade territorial a campanha mais viva e extensa que um candidato já terá realizado para chegar ao governo.

Eleito, Juscelino, como já o fizera na administração de Minas Gerais, ausentou-se dos palácios, onde o aguardavam os sorrisos convencionais e as cortêsias interesseiras dos eternos enamorados do poder, e marchou para o sertão. Para o mesmo sertão que o viu, que o ouviu, que o conheceu e o reconhece. Nascido numa cidade do interior de Minas, veio da Cordilheira para a História. Trouxe nos olhos a paisagem dos brejos, a felicidade dos veios de água, a geometria dos vales, o segrêdo das altitudes.

Seu horizonte é um caminho sem sombras e sem lágrimas. Suporta sózinho os perigos pelo prazer de transformar as adversidades em triunfos. Guarda do meio físico de onde veio a verticalidade tranqüila. É um homem aprumo. Difícil de dobrar-se às imposições do *contra*. Tomando uma decisão, não recua, não esmorece, não transige, não desiste, não escapole, não retarda, não retrocede. Principalmente se há uma razão de Estado, um mandamento a cumprir. Por isso, voou para o Chapadão e acordou Brasília, inda encoberta na utopia constitucional. Sacudiu-a Espanou-lhe a poeira, desencantou-a, arrancando-a da solidão corográfica em que ficaria ainda por muitos anos, se um presidente-garimpeiro não se dispusesse a enfrentar o problema básico da mudança, trocando as comodidades rotineiras da vida à beira-mar pela tarefa de emendar as áreas descosidas e fragmentadas do País, enchendo de cidades, colônias e núcleos os espaços vazios do interior.

Se essa obra urgente, que se imagina apressada, porque é fulminante; que se acredita onerosa, porque não é de graça, perdeu um pouco de sua popularidade nos centros urbanos do litoral, aonde não logrou ainda tornar a vida menos cara, ganhar, em compensação, substância no interior, aonde está conseguindo tornar a existência menos dura, mais possível.

Aspiração unânime

A nova Capital era uma aspiração unânime, enquanto estava adormecida no bosque. Bastou que alguém a despertasse de seu leito, para que surgisse a polémica. Pode, não pode; deve, não deve. Pode e deve — foi o lema do Presidente-pioneiro, estadista e operário ao mesmo tempo.

A mão que, no Palácio do Catete, assina os decretos, autoriza as verbas e confere as contas, é a mesma que, no booming do Planal-

to, examina os tratores, toca os tapumes, segura os andaimes, ajudando com sua presença a modelar um empreendimento que não é apenas riscar estradas, abrir ruas, eleger praças, derramar asfalto ou meter estacas metálicas nos cenários do Chapadão, mas sobretudo, como escreveu Raul Bopp, "mexer com a História, mudar o Brasil de posição, colocá-lo em novas bases, encerrando o ciclo do litoral".

Prisioneiro do palácio é que não fica. A missão governamental não é para ele a escravidão do expediente, com seu cortejo de pedidos e casos pessoais e a réplica de promessas e paliativos. A missão de governo é, antes de tudo, um exame de soluções. Estes não se encontram, em geral, entre as quatro paredes de uma sala, isto é, na audiência forçada a todas as solicitações ocasionais, mas na visão das necessidades imediatas do País, num plano de trabalho, num sistema de forças que reclamam assistência. Por isso, Juscelino não pára. Por isso se move. Desloca-se no tempo, no espaço, pondo em segundo plano a figura do Malasarte, que contava com botas de sete léguas. Enfrentando com saúde e os nervos a barreira do som, o presidente do Brasil sobrepe-se ao herói de Graça Aranha; torna a história maior do que a lenda. Pulando sobre cidades, regiões e zonas, com um simples movimento de hélices, mete no chinelo as diabruras de Malasarte, porque as suas proezas contam em milhas aéreas. Voou tanto que as suas viagens davam para dar oito vezes a volta ao redor da Terra.

A esse homem nômade, andarejo e andarengo, que colocou sob a sola dos pés asas de alumínio, é que deveria caber, logicamente, a tarefa de mudar o Brasil de posição, dando as costas para o mar e a frente para si mesmo. Corrigindo o desequilíbrio secular de sua escala demográfica e plantando a sede do governo no sítio indicado a mover o braço adormecido do País.

Brasília estava no roteiro do desassossêgo criador desse Malasarte político, desse Till Eulenspiegel montanhês, cujos erros e travessuras serão resgatados ríegamente pela obra com que antecipa o futuro, domando no divisor de águas do Planalto Central as vertentes das três grandes bacias continentais. E juntando no Triângulo "Castanho" da Capital que nasce, os pedaços desconstruídos do Brasil.

Brasília não é apenas a

nova Capital. No plano arquitetônico, vale por uma revolução. Na geografia urbana, por uma solução.

Tôdas as grandes cidades modernas nasceram de um argumento, de um conselho ou advertência. Brasília nasceu do raciocínio. Antes de ser realidade, foi expectativa. Uma longa espera. Espera secular. Não se precipitou. Aguardou a vez. Pacientemente. Maduramente.

Estava no mapa, na lei, nas razões sociológicas do Estado. Não tinha, porém, a seu serviço, os elementos vitais que lhe dariam força e oportunidade. A interiorização da Capital seria sempre um sonho na época do carro-de-bois, da diligência, da locomotiva. Isto é, sob a influência das difíceis comunicações terrestres. Teria de criar alento, porém, na era do avião, impondo-se à velocidade dos motores.

Caíram as razões que conspiraram contra a escolha do Planalto Central e o surto repentino da aviação, fazendo desaparecer as distâncias, aproximou o sertão do litoral, colocando-o a apenas três horas de voo.

O preceito constitucional que determinava a mudança deixou o cômodo abrigo das disposições transitórias da Carta de 46, para sentir a hora de sua urgência e aplicação. Saiu do aconchego doutrinário da lei para a prática. Desta vez, sem o desfavor das razões que impediram a mudança. Aí estava o avião a seu serviço, mobilizando os recursos humanos para o ato de escolha e fundação. Assim aconteceu com Brasília.

Em geral, as cidades nascem para a História. No caso de Brasília, a História é que se fez cidade. Ela existia como ponto de referência e confronto. Foi sonho revolucionário em 1798, na época dos Inconfidentes. Foi cogitação de base nas considerações acertadas de Velloso de Oliveira, em 1810. Foi proposta em sugestão na mensagem de José Bonifácio aos constituintes de 1823. Foi instinto de defesa nas observações judiciosas (para a época) de Varnhagen sobre os perigos de uma capital à beira-mar.

Concretizou-se em pensamento republicano na Assembléia de 1891, através da oratória de Tomás Delfino, para quem os poderes públicos ficavam em conflito com as aspirações e os interesses do Estado no tumulto de uma grande cidade. Fixou-se como norma da vontade nacional nas constituintes de 34 e 46.

Teoricamente tudo soma a favor da mudança da capital. Na prática, porém, os argumentos cediam seu valor aos inconvenientes e dificuldades de uma interiorização colocada acima das possibilidades de comandar o empreendimento, pela ausência de meios de transportes que nos levassem ao Planalto, ou que trouxessem o Planalto até nós.

O problema não estava apenas em deslocar do plano doutrinário para o plano concreto o dispositivo constitucional. A mudança da capital, operada algumas décadas antes, não teria sentido político, nem base econômica. A cabeça não comandaria o corpo. Pela ausência de ele-

mentos adequados que somente nossa era permitiria utilizar.

Atente-se bem para o panorama em que se realiza a operação. Brasília é, antes de tudo, uma nova experiência geográfica. Não está no caminho do Rio. Nem em suas vizinhanças ou dependências. Se a compararmos com as novas capitais criadas especialmente para esse fim, vemos que ela não surgiu como Washington, da simples necessidade de isolar a sede do governo, libertando-o da influência das paixões políticas; ou de uma reverência de Hamilton aos desejos de Jefferson de compor arquitetonicamente uma capital. Não é, igualmente, como Cam-

Oposição costumeira

Antes de planejada, quando estava apenas entrevista num apagado e lírico artigo das disposições transitórias da Carta de 46, tinha a seu favor o voto e o apoio de todos os cidadãos que não acreditavam na mudança. Bastou que a capacidade, a teimosia, a obstinação de um homem levasse ao papel para o massapé do Chapadão o projeto audacioso, para que a descrença, a desconfiança e o receio comessem a obra do agouro. "Não vai adiante. Outro presidente que vier fica por aqui mesmo." Ou então: "Gastar tanto dinheiro para nada! Essas obras não serão terminadas. E as que forem ficarão para os morcegos, como as do Cassino de Lambari." E ainda: "Juscelino pode ir para lá; mas quem o suceder voltará para cá."

Essas e outras amostras da oposição à Brasília não significam índice do pessimismo nacional. Valem como elichê de um estado de espírito que é peculiar a indivíduos existentes em todas as partes do mundo.

Nenhuma capital das que hoje são orgulho dos Estados que a fundaram ficou isenta da malícia, da desconfiança e da incredulidade dos que a ela se opuseram.

Só as cidades que nasceram espontaneamente e caminharam sózinhas, sem o dirigismo econômico urbanístico, escaparam à propaganda agiorenta dos que conspiram contra as iniciativas arrojadas.

Nem os americanos do norte, tão cuidadosos na programação de seus empreendimentos, foram preservados da discussão e do dissídio de opiniões na escolha e na instalação de sua capital administrativa. Muitas foram as dificuldades políticas e as lutas internas que tiveram de vencer para que Washington vingasse, desde as restrições oferecidas ao sítio em que foi edificada, ao planejamento e execução das obras que a fizeram crescer.

E S. Petersburgo? E Pretória? E Ancara? E Cambera? E Nova Déli?

Contou, acaso, algumas delas, com a unanimidade da opinião para as suas tarefas de sede do governo?

E aqui dentro, mais próximo de nós, os exemplos de Belo Horizonte e Goiânia, escolhidas para capitais dos Estados de Minas e Goiás?

Afonso Pena Júnior, ho-

berra, na Austrália, uma solução de compromisso entre duas cidades que se disputavam entre a primazia metropolitana: Sidney e Melbourne.

As cidades só começam verdadeiramente a ser cidades depois de discutidas. Quando são negadas passam a ter aquele sabor de pomo da discórdia, que lhes acrescenta outro interesse e curiosidade.

Brasília não poderia escapar à regra. As capitais que as antecederam no calendário da Civitas tiveram o lado polêmico, provocando as mesmas discussões, os mesmos dissídios e o mesmo inevitável pessimismo.

mem de memória à prova de fogo, conta as recordações de seu tempo de rapaz, quando as picaretas iniciaram o trabalho que deveria situar a capital de Minas no antigo Curral Del Rei. Que grita! Que balbúrdia! Ninguém chegava a admitir que se fizesse a mudança. Era um desafio, uma traição ao povo arrancando-o de suas comodidades costumeiras para fazê-lo morar num sítio inabitável. A barafunda do trabalho e o resto dos materiais ali depositados causaram ao viajante a impressão de uma obra inacabada ou que não acabaria nunca. Adjetivos pouco gentis condenavam a cidade à execração pública: **Poeirópolis, Santa Engrácia, Feio Horizonte**, e assim por diante.

Hoje é a capital de Minas uma das jóias da civilização urbana do Brasil, cidade limpa, aseada, com os seus serviços de base sempre em ordem. Hospitaleira na assistência a seus habitantes, ainda há pouco mineiro que não trocaria o prazer de morar nela por um cartório no Rio de Janeiro.

Goiânia é outro exemplo da capacidade e da tenacidade do homem do campo para construir sua capital. É uma janela sobre o sertão. Seu desenvolvimento rápido, sua aptidão para mover a zona a que serve e suas condições geopolíticas provam bastante a favor da perspicácia e da orientação da gente brasileira quando persegue um objetivo.

O jornalista David Nasser fez intensa campanha contra a fundação de Brasília. Excedendo-se nos ataques ao empreendimento governamental, o repórter apanhou o termo que lhe parecia mais adequado ao ridículo de uma campanha publicitária. Para exprimir a firmeza, a obstinação, a teimosia do presidente Kubitschek em levar avante a empresa, recorreu a termo que lhe parecia caricatural e soasse com Juscelino. Esse termo foi: **brasilião**.

Ino é um elemento designativo de diminuição, pretensa relação. Com o vocábulo, pensou o jornalista ironizar o presidente e todos os que colaboravam decididamente em sua equipe, emprestando à palavra um caráter agressivo.

O jornalista João Duarte Filho escreveu: "Foi preciso que viesse a irresponsabilidade, a leviandade de um maníaco de grandezas, das ostentações, das aparências para que, des-sangrando o Brasil, se pudesse intentar a aventura impossível, irrealizável de Brasília".